

# Possuída pelo amor

Quando o homem dos seus sonhos enlouqueceu, ela se tornou vítima da paixão

POR ELLEN SHERMAN

KATHRYN KEATS, 43 ANOS, ACORDOU EM PÂNICO, convencida de que ouvira o barulho das cortinas do quarto sendo puxadas. No brilho turvo da luz do banheiro, percebeu na parede uma sombra fantasmagórica que a fez gelar de medo. Esposa e mãe, Kathryn tinha passado boa parte da vida adulta preocupada com um homem decidido a matá-la, e agora estava certa de que ele finalmente a encontrara. *Vou morrer, pensou.*



O vulto se jogou em sua direção, mas, em vez do ataque de um assassino, sentiu o abraço do filho de 7 anos. Assustado com um pesadelo, o menino tinha ido para o quarto dos pais. “Tudo o que me ocorreu foi que, se naquela hora estivesse armada, teria atirado nele”, diz. “Ninguém poderia entender o quanto eu estava assustada.”

Ninguém poderia entender porque nem os amigos mais próximos sabiam que seu nome verdadeiro era Ellen Christian Munger. Durante 21 anos ela vinha se escondendo de um homem com quem trabalhara e por quem tinha se apaixonado, e que, no fim, acabara decidido a matá-la.

**E** LLEN CRESCER em Evansville, nos Estados Unidos, e era a caçula de três, “a estrela” da família. Na adolescência, tornou-se instrumentista e cantora. Em 1978, aos 18 anos, mudou-se para Nova York, a fim de tentar carreira nos musicais, e logo foi chamada para um teste no famoso *Let my people come*, espetáculo *off-Broadway* encenado por uma companhia da Filadélfia.

No teste, ela viu um homem tocando piano com um virtuosismo impressionante. Era Ken Ford, 32 anos, diretor musical do espetáculo, cujos longos cabelos negros e penetrantes olhos

verdes chamavam a atenção. “Ele não era apenas bonito”, lembra, “mas também a pessoa mais misteriosa e talentosa que havia conhecido.” Naquele dia, os dois iniciaram uma parceria musical que duraria anos.

Ellen foi contratada para o espetáculo, e ela e Ford logo estavam morando juntos. Criado na Filadélfia, Ford servira no Vietnã e, ao voltar, no início dos anos 1970, especializara-se em musicais, compondo e produzindo *shows* de pouca repercussão até que um produtor o convidou para dirigir *Let my people come*. Quando não estavam trabalhando no espetáculo, eles continuavam com sua bem-sucedida parceria, compondo e se apresentando.

Mas, no segundo ano de relacionamento, Ellen percebeu em Ford uma preocupante mudança de comportamento. Ele parecia distraído e mal-humorado, e freqüentemente ficava falando e resmungando sozinho. Numa noite chuvosa, de volta a casa após o espetáculo, Ford jogou Ellen contra uma parede e aos berros disse que não gostava da forma como outros homens do elenco olhavam para ela. Então pegou-a pelos ombros e bateu-lhe a cabeça repetidamente contra a parede. Quando conseguiu se soltar, Ellen tentou acalmá-lo, mas ele a encurralou, jogando-a no chão. Então, rasgando-lhe

**“Você é a única mulher que eu amo, a única que pode me ajudar”, disse. “Isso não vai acontecer de novo.”**

a calça *jeans*, o homem que havia sido seu companheiro, confidente e amante brutalmente a violentou.

Quando aquilo terminou, Ellen correu para o quarto, onde passou a noite agachada num canto, tentando entender o que havia acontecido, enquanto Ford andava de um lado para o outro. Quando, por fim, amanheceu, Ford foi falar com ela e implorou perdão. “Você é a única que amo, a única que pode me ajudar”, disse. “Isto não vai acontecer de novo.” “Eu era jovem e estava apaixonada”, confessou. “Acreditei nele.”

Os dois continuaram a viajar com o musical e juntos viveram semanas de ternura e criatividade. Mas Ford com o tempo confessou a Ellen que ouvia vozes que murmuravam histórias sobre ela e outros homens, e preparavam elaboradas conspirações contra ele. Quando as vozes vinham, os abusos e as surras se repetiam.

“Eu não entendia nada de doenças mentais”, conta Ellen. “Só sabia que temos de cuidar das pessoas que amamos; então, quando as vozes vinham, eu tentava acalmá-lo, levando-o para caminhar e conversando com ele. Às vezes funcionava. Nós começávamos a compor e, enquanto tínhamos a sa-



**Kathryn Keats (Ellen Munger) e Ken Ford (por volta de 1980), antes de ele começar a “ouvir vozes”.**

nidade que o trabalho proporcionava, eu podia ficar ao lado dele.”

Ellen escondia as escoriações com maquiagem e blusas de manga comprida, e não falava a ninguém sobre seu problema. Por fim, em 1981, Ford consultou um psiquiatra, que lhe prescreveu um medicamento para esquizofrenia. Por algum tempo, as pílulas pareceram funcionar. Até que ele parou de tomá-las.

# Um dia, quando Ellen saía para ir ao mercado, Ford trancou a porta, dizendo que “forças zen” dentro dele se recusavam a soltá-la.

Em um dia de abril daquele ano, Ellen voltou para o apartamento após um teste numa agência de Nova York que queria assinar com ela um contrato de artista solo. Com uma calma estranha, Ford a segurou e ameaçou quebrar-lhe o braço em resposta à “sabotagem” da carreira dele. Quando Ellen tentou fugir, ele pegou uma garrafa que havia quebrado na pia, cortou-se com o vidro e depois espalhou o sangue no braço de Ellen. “Está vendo o que posso fazer com você?!” gritou.

Naquela noite, Ellen dormiu na casa de amigos. Mas no dia seguinte foi falar com Ford – como faria diversas vezes. “Sei que parece loucura, mas, como a maioria das vítimas de abuso, pensei ser a única que poderia salvá-lo”, diz.

Em maio de 1983, Ellen e Ford deixaram a turnê e se mudaram para Oakland, Califórnia, onde a irmã dela, Ann Carlin, morava com a família. Ellen esperava que, sem a pressão do trabalho, Ford pudesse se equilibrar. Ao contrário, suas alucinações pioraram. Um dia, quando Ellen saía para ir ao mercado, Ford trancou a porta, dizendo que “forças zen” dentro dele estavam se recusando a soltá-la. Ela então percebeu que o companheiro tinha finalmente rompido com a realidade.

Durante 54 dias, Ford a manteve presa no apartamento. Disse que Ellen estava possuída pelo espírito de uma mulher do século 19 e que ele precisava exorcizá-la. Então lhe amarrou as mãos e as pernas com cintos de couro, e, quando ela reagia, Ford a espancava. Até que, por fim, ela parou de lutar. “Fiquei entorpecida”, conta.

Ford, que desconectara a linha telefônica, permitia que Ellen comesse apenas sopa de tomate, à qual adicionava guimbas de cigarro. “Ele me vendava e jogava um copo contra a parede, ao lado da minha cabeça, para ver se eu confiava nele”, lembra-se. “Se eu hesitasse, ele repetia.” Ela foi violentada e espancada seguidamente. “Nos meus pensamentos”, Ellen diz hoje, “eu era uma pessoa morta.”

Por fim, em uma tarde de abril de 1984, Ann Carlin, que pensara que a irmã estava numa grande turnê fora da cidade, foi até o apartamento deles e tocou a campainha. Quando Ford entreabriu a porta, Ann viu a irmã de relance pela fresta – coberta de sangue. Então correu para um telefone público e chamou a polícia. Quando os policiais chegaram, foram necessários cinco homens para arrastar Ford, vestido em uma camisa-de-força.

Ellen foi levada para um local seguro dirigido por um programa de assistência a vítimas e testemunhas, e Ford ficou internado no Hospital Oakland's Highland durante três dias. Depois foi para a Filadélfia, onde os pais o aguardavam. Ellen se mudou para a casa da irmã, a fim de se recuperar.

Mas seu pesadelo não tinha terminado. Uma tarde, apenas duas semanas depois de Ford ter viajado, o telefone da cozinha da casa de Ann tocou. Era ele, dizendo que “forças zen” o tinham instruído a voltar para Oakland, matar Ellen, e depois se matar.

Ellen ligou para a polícia, que passou a vigiar a casa de Ann. Duas semanas depois, Ford foi preso no momento em que se aproximava da casa; estava todo de branco, usando uma peruca também branca. Acusado de ser um perigo para si e para terceiros, foi declarado culpado e ficou internado no Napa State Hospital por seis meses.

Para Ellen, isso significava que dali a 180 dias Ford estaria livre para assassiná-la. Desesperada, reuniu-se com Leo Dorado, promotor auxiliar, que sugeriu um plano: Ellen Munger, para a própria segurança, teria de desaparecer. A artista que sonhara ver seu nome nos letreiros teria de se tornar outra pessoa – alguém com algum tipo de carreira sem visibilidade pública. Pior do que abrir mão do próprio nome, Ellen Munger teria de abandonar a música. “Significava perder aquilo por que eu vivia”, diz hoje. “Fiquei arrasada.”

Mas Ellen também percebeu que não havia outro jeito e que tinha pouco

tempo. Seu pai se mudou para Oakland e contratou um guarda-costas. Com a ajuda do programa de assistência a vítimas e testemunhas, ela trocou o nome para Kathryn Keats, e começou a trabalhar como assistente da promotoria. Assim, quando chegasse o momento da libertação de Ford, Ellen Munger teria desaparecido.

Tudo o que restou foi o medo. Pois Kathryn acreditava que, tão logo Ken Ford fosse posto em liberdade, a vida dela estaria em perigo.

**O**S MESES se tornaram anos, e Kathryn Keats começou a sair do seu casulo. Não contou a ninguém sobre o seu passado, com exceção de parentes e alguns poucos amigos de infância. Arrumou um emprego na área de financiamento cinematográfico e lentamente fez novas amizades, sempre mantendo oculto seu passado. Em 1988, conheceu um homem que a interessou, Richard Conti, um editor.

“Ela era muito dinâmica e mesmo assim muito estável”, diz Conti. Mas havia algo estranho. “Acordava assustada, tremendo, e não me contava o motivo”, revela. “Tudo o que eu podia fazer era estar perto dela quando precisasse.” Um ano depois, Kathryn contou a verdade sobre seu passado a Conti. Eles se casaram em 1993 e tiveram dois filhos, Andrew e Lorenzo, agora com 11 e 9 anos respectivamente.

No começo de sua nova vida, Kathryn entrou em contato com Barbara Crawford, psicóloga da Filadélfia que havia auxiliado Ford anos antes. Em-



bora não tivesse dado seu novo nome nem endereço, Kathryn foi informada por Barbara de que Ford estava morando nas ruas da Filadélfia. Barbara disse que uma vez o convidara a visitá-la e que ele havia incendiado seu piano. Contou também que Ford lhe afirmara ainda estar obcecado por matar sua antiga namorada.

Para estranhos, Kathryn parecia bem-sucedida no trabalho, cuidando da família e se envolvendo na sua comunidade. “Mas por dentro”, revela, “eu ainda era uma refém.” Certa tarde, ela olhou pela janela e viu uma pessoa sentada em um carro com os vidros es-

**Ellen, o marido Richard Conti e os filhos Lorenzo (à esquerda) e Andrew se divertem com a mascote da família, Scarlet.**

curecidos estacionado bem em frente à sua casa. Horas se passaram, e a pessoa permanecia lá, esperando e observando. “Suei frio”, confessa. “Pensei: *Por que alguém ficaria tanto tempo em frente à minha casa?* Tinha certeza de que o Ken havia me encontrado.” Assustada, ligou para a polícia, mas, antes que ela chegasse, a porta do carro se abriu e de lá saiu uma mulher. Era a babá da vizinha, fazendo algum dever de casa antes de entrar no trabalho.

“Ela sempre pensou que seria descoberta”, diz Conti. “Mas permanecia dedicada a mim e aos filhos. Não sei como conseguiu – sentindo que aquilo poderia não ter fim.”

Mas tudo terminaria. Em maio de 2005, após voltar de uma viagem de compras com os filhos, Kathryn sentiu uma vontade incontornável de saber notícias de Ford. Sozinha em casa na manhã seguinte, ligou para um dos produtores de *Let my people come* e descobriu: Ford continuara a morar nas ruas da Filadélfia e havia morrido de câncer de pulmão fazia mais de um ano.

Ela se sentou ao piano, pôs as mãos no teclado e, pela primeira vez depois de muitos anos, compôs uma canção. Cantou-a em voz alta para a sala de estar vazia, e lágrimas lhe rolaram

pelo rosto. “Chorei porque sabia que poderia voltar a cantar e compor”, diz. “E chorei de alívio, pois estava livre. Meu inferno terminara.”

DESDE QUE SOUBE da morte de Ford, Kathryn, agora com 47 anos, vem compondo sem parar e se apresentando em Los Angeles, São Francisco e Nova York. Gravou um CD, *After the silence*, que divulgou numa turnê com uma banda de nove músicos.

Mas os filhos e o marido são sua platéia favorita, que com frequência se junta a ela ao piano. Apesar de não ter dado muitos detalhes aos filhos, eles agora sabem que a mãe teve de mudar de identidade para sua segurança. E sabem que, depois de tanto tempo, Ellen Munger e Kathryn Keats finalmente se tornaram a mesma pessoa.

## HUMOR AÉREO

Durante um vôo, o piloto, ao passar por uma cidade, anunciou pelo alto-falante:

– Passageiros que estão sentados do lado esquerdo poderão apreciar um espetáculo especial. Olhem para baixo e vejam uma enorme casa branca. Vamos ver mais de perto...

Ele voou mais baixo para que pudessem ver melhor e continuou:

– Aquela é a casa da minha ex-mulher.

Eu sei que é a casa dela porque a BMW do advogado dela está estacionada em frente!



Quando o avião pousou, a comissária de bordo anunciou: “Senhoras e senhores, gostaria de lhes dar as boas-vindas a Honolulu. Mas, infelizmente, estamos no Alasca.”